



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GLEIDE COSTA

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Gleide Costa

Entrevistadora: Mariana Cristina Borges Novais

Local da entrevista: Santos Dumont, Minas Gerais

Data da entrevista: 17/08/2017

Processamento da Entrevista: Mariana Cristina Borges Novais

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 11 páginas

Número da entrevista: E-839

Data da autorização para publicação no Repositório: 30/04/2019

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Mariana Cristina Borges Novais intitulada **À beira do gramado ou fora do jogo?: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em junho de 2018.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Santos Dumont, 20 de fevereiro de 2017. Entrevista com Gleide Costa a cargo da entrevistadora Mariana Novais para a dissertação de mestrado.

G.C. – “Meu nome é Gleide Costa, tenho quarenta anos. Brasileira, natural de Uiraúna, Paraíba. Solteira e não tenho filhos. Eu sou formada em Educação Física e trabalho com futebol e futsal totalizando juntos 18 horas semanais além de atuar na área e gerenciamento e organização de eventos esporadicamente”.

M.N. – Vamos começar relembrando sua trajetória no esporte. Queria saber como era sua relação com o esporte durante a sua infância e sua juventude.

G.C. – Então. A minha relação com o esporte durante a minha infância e a minha juventude foi sempre uma relação muito estreita. Sempre fui uma criança que gostava de praticar as diversas modalidades. Tive uma criação mais livre e quando criança, geralmente eu praticava o futebol no meio dos meninos. Não tinha tantas meninas como mesmo interesse que o meu. Do mesmo jeito na adolescência. Mas era uma relação muito estreita... Todos os esportes. Desde cedo eu tinha essa afinidade. Acho que já nasci sabendo o que eu queria ser. Com o que eu iria trabalhar. Nunca tive dúvida que seria com o esporte.

M.N. – Está bem. E especificamente com o futebol, como foi o início da sua participação nesse esporte?

G.C. – Então... com o futebol especificamente que eu lembre foi em 1992 quando eu entrei para um time chamado de bairro chamado Monte Castelo aqui em João Pessoa. Foi quando eu dei os primeiros passos dentro de um campo de futebol. Eu tinha 15 anos, acho que é isso... 15 para fazer 16. E aí foi a minha primeira vez, mas eu sempre *quis* participar dos jogos onde os garotos estavam envolvidos. Até na própria pracinha da cidade, nas ruas, eu sempre tinha aquela disposição para estar embora sofresse com muita reclamação por parte da família.

M.N. – Você comenta sobre essa reclamação da sua família. Existiu alguém, então, que pelo contrário, tenha lhe incentivado e apoiado?

G.C. – Assim, no princípio eles sempre reclamavam por conta de estar junto com os meninos. Porém, quando eu fui jogar nesse time minha mãe me incentiva. Apesar de ser um esporte não tão popular entre as meninas... Mas na realidade, ela nem incentiva mas também não brigava [riso]. Ela preferia que eu estivesse jogando com as meninas em um time do que estar com os meninos na rua, lógico. Na realidade dentro da minha família aquela pessoa incentivadora mesmo não existiu. Eu fui [pausa] na contramão de todos.

M.N. – E para além da família, como você enxerga que as pessoas percebiam a sua participação nesse esporte? Estar inserida nesse meio fez com que você fosse alvo de algum preconceito? Você tem algo a relatar em relação a isso?

G.C. – É *lógico*. Na minha época [riso] era mulher macho, macho-fêmea, sapatão... vários adjetivos interessantes. Então foi muito sofrido. Desde as brincadeiras de quando a gente estava entre as meninas até quando se dizia que jogava futebol... que gostava de futebol. *Muito* preconceito. Enfrentei muito... foi pouco não. Porém, pouco me atingia ou atingia e eu sabia lidar com isso muito bem.

M.N. – E ainda falando sobre esse período que você era praticante do futebol, por quem você foi treinada?

G.C. – Eu lembro bem que era um cara sem formação... Na época... era um tal de *Zezinho* [trecho inaudível]. E o outro eu esqueci... [pausa]. Maurício! Que era de um jornal. Nenhum dos dois era formado, nenhum dos dois eram da área. Zezinho assumiu o time e tinha também duas mulheres na coordenação desse time de futebol.

M.N. – E por mulher você chegou a ser treinada também?

G.C. – Então... pouco tempo, mas depois de alguns anos nesse Monte Castelo... Na realidade, em um campeonato Paraibano assim como em vários torneios que a gente conquistou... Não me lembro de ter perdido... Quem assumiu a equipe foi a professora Rejane que tinha formação e tinha sido ex-atleta de futebol. Ela é da época da Didi da seleção... esse pessoal mais antigão que eu. Tive sim... a Rejane. Mas pouco período. Acho que uns 3 a 4 meses.

M.N. – E como você diria que é ser treinada por homem e ser treinada por mulher?

G.C. – Particularmente, eu não percebo diferença [riso] em ser treinada por homem ou por mulher. Eu percebo diferença na qualidade, no que sabe, no que tu passa... a forma que tu passa [pausa]. Eu penso assim. Eu penso que tanto faz. Penso que a diferença é... Está aí. É você saber conduzir... É você saber do que está falando, é você desenvolver um trabalho com qualidade, um trabalho com conhecimento. Da mesma forma, sou eu como percebo o trabalho de uma mulher. Eu sinceramente eu não perceberia as diferenças por ser mulher ou por ser homem. Eu acho que por *ser qualificado*. Agora, o problema está em que as mulheres sempre foram discriminadas, no âmbito dessa profissão. Aí existe realmente já um *preconceito*. Se hoje ainda existe, imagina naquela época era pior. Porém, como eu disse, meu julgamento não vai de ser homem ou mulher até porque eu não lembro bem... como eu disse um não tinha formação e o outro não tinha mas era um conhecedor do futebol, então às vezes ele, como não era iniciação, como já tinha toda uma gama de conhecimento, às vezes te passa alguma informação interessante. A outra vai fazer um aquecimento... sabe mais daquilo, mas na hora de formar a equipe eu lembro que era muito frágil na parte tática do jogo. Então um completava o outro, na realidade para mim, naquela época. E como eu disse com ela também foi pouco tempo não dava nem para avaliar. Mas para mim, na época, ela não fez tanta diferença, sinceramente falando.

M.N. – Entendi. Já passando agora para a sua carreira como treinadora, como isso começou? Me conte um pouco por favor.

G.C. – Então. Em 2008 insistiram tanto e eu saí do futsal mesmo já lesionada, tendo uma ruptura de LCA, já cirurgiada, fui participar de um campeonato de futebol de campo... Tinha sido o retorno do campeonato estadual aqui no meu Estado pelo time da Portuguesa e aí a gente se sagrou campeã eu ainda jogando. Só que aí jogando no sacrifício, sem aquela condição física adequada, sentindo muitas dores ainda no joelho [pausa]. E eu que já fazia toda aquela estratégia do time. Já comandava o time, era a capitã e comandava o time dentro do campo, fora lá nos vestiários. Então, em 2009 surgiu uma oportunidade de... Que o Valter conhecia já o meu trabalho com as categorias de base masculina que eu atuava, tanto no futsal quanto no futebol. Por incrível que pareça eu atuava com homens. Aí ele me convidou para fazer parte da equipe do Botafogo que teria que ter uma equipe em dez dias para ir para uma Copa do Brasil, você imagina. E foi a partir daí então,

de um desafio em 2009 que a gente juntou um pessoal e foi apenas participar da competição. E a partir de 2010 que foi o primeiro ano que a gente encarou de forma mais profissional a nossa participação na Copa do Brasil, então a gente teve parâmetro de treinamento e uma organização maior.

M.N. – Bacana. Percebo então que, de fato, seu ingresso se deu pelo reconhecimento ao trabalho que você já desenvolvia anteriormente. E você destacaria alguém que tenha sido importante nesse processo?

G.C. – Eu destacaria, na realidade, o Valter. Acabou que de uma imaturidade dele enquanto Diretor do Botafogo que me chamou... A gente se esbarrou numa federação e eu... Eu estava lá indo inscrever jogadores do Miramangue que era um time masculino para o campeonato estadual, acho que era categoria sub 17. E que ele apontou e disse: “Ah não, você é minha treinadora. Você vai desenrolar uma guerra para mim...”. Que foi aquela história que eu te contei de entrar em 2009 faltando dez dias para a competição. E ali foi quando eu disse: “Aqui vai ser o pontapé inicial, eu aceito o desafio”. Eu acho que foi... No caso, se ele não tivesse aquela ideia maluca dele e insistisse com a federação naquela época, talvez eu não tivesse me motivado também, embora como eu disse, eu já atuava com o masculino no futebol e futsal como treinadora. E também já treinava o time sub-20 feminino. Já tinha treinado seleção já em 2007. Já tinha pego Seleção Paraibana sub-20 para treinar. Então eu tinha bagagem, enquanto treinadora, *pouca* bagagem, mas tinha.

M.N. – Sim, entendi. Então vamos voltar um pouquinho. No futsal, como começou sua carreira? Porque você fez uma transição do futsal para o futebol então é interessante a gente conhecer como você começou no futsal.

G.C. – Então, o meu primeiro clube de verdade aqui foi o Esporte Clube Cabo Branco, um clube tradicional aqui da cidade. Eu digo que eu tive essa vivência no futebol, mas minhas aparições enquanto atleta de futsal foram maiores até porque chegou um período que eu acabei me dedicando mais ao futsal que foi a partir de 1995 também. Foi a partir de 95, na realidade, no futsal. Eu fui vice-campeã brasileira universitária aí e depois ganhei todos... Acho que todas as competições possíveis a nível de Nordeste e Estadual. Joguei no Sumov no Ceará, joguei no... Também no Nacional Gás que hoje é Unifor,

joguei em duas equipes no Ceará, joguei no Rio Grande do Norte. Tive outras propostas... Tive proposta para Santa Catarina, na época também. Fui campeã brasileira universitária, peguei duas vezes Seleção Universitária de Futsal. Então eu tenho uma história *grande* aí no futsal. E enquanto treinadora eu consegui colocar o nosso time entre os oito melhores do país, a Servicar. Então a história é longa no futsal. Hoje eu tenho, juntando os títulos dos clubes, hoje eu tenho mais de doze títulos estadual e hoje eu sou a atual hexa campeã paraibana, embora o ano passado não tenha havido campeonato estadual. Mas eu acho que ainda está num recorde... A nossa equipe é a equipe que é campeã seis vezes na mesma modalidade consecutiva. Na mesma categoria, desculpa. Consecutiva.

M.N. – *Muito legal.* E nesse processo todo, considerando toda sua carreira até então, perante amigos, família, atletas e próprios colegas de comissão, você considera que tenha havido alguma dificuldade na sua carreira?

G.C. – Na realidade a dificuldade é uma dificuldade financeira... Uma dificuldade de se inserir no meio. Eu acho que, como eu te disse, quando você começa a apontar qualidades isso meio que acaba sendo aceitável. Porém, para que a gente pudesse estar na carreira de treinadora, a gente... Eu tive que me virar em dez para poder fazer o que gosto, como dizem. Porque é pouca remuneração, muitas vezes, principalmente antigamente quase nenhuma. Logo de início, então fazia dez outros trabalhos. Isso se tratando especificamente do feminino, então tinha que ganhar dinheiro sendo treinadora do masculino, das escolinhas... Isso tudo para poder *gastar* com o futebol feminino. Porque na realidade eu nunca fui só treinadora. Tive que ser gerente de futebol, tive que levantar um time e eu tenho muito orgulho disso. Depois é que as coisas começaram a vir acontecer. Parei de dar treino... Na realidade, parei de acumular as funções de treinadora de futebol e futsal desde o ano passado. Então desde o ano passado que a gente vem trabalhando só com o futebol.

M.N. – Tem mesmo que se orgulhar muito. E nessa trajetória toda, pelos clubes que você passou, você comenta que ocupou o cargo de treinadora e também de gerente de futebol... Queria que você comentasse um pouco como é essa organização hierárquica. Se existem possibilidades de ascensão nas comissões técnicas, como é essa dinâmica?

G.C. – Na realidade eu até brinco. Ainda acumulo até hoje, no Botafogo, o cargo de gerente de futebol e... Hoje em dia acumulo... Já tive diretores dois anos... Mas hoje eu acumulo o cargo de gerente de futebol e treinadora e a única coisa boa que tem nisso é que eu mesma me demito. É interessante... Eu mando em mim [riso]. É a única coisa interessante. Demais situações é só isso: *sobrecarrega*. Mas você tem que ter muito entendimento do que está fazendo para não misturar as coisas. Porém, eu tenho os demais membros da comissão e aí em alguns momentos, com as categorias de base, o auxiliar passa a ser o treinador e eu faço a função de gerente e aí vai subindo as hierarquias dentro da comissão. Hoje a gente pode dizer que hoje a gente tem uma comissão mínima qualificada com seis pessoas e que a princípio dá conta do recado. É lógico que não é o desejado mas dá conta do recado. Nós temos desde preparadores físicos a supervisor de material, a preparador de goleira. Os demais membros são fisioterapeuta, nutricionista a gente utiliza o do clube. Porém, é... para quem vê nossa evolução hoje sabe onde que a gente já conseguiu chegar e a tendência, é lógico, é eu mesma ter que definir onde eu vou querer estar. E nisso eu vou ter que interferir nesse final de ano. É bem capaz de eu ir para a gerência porque é bem mais fácil eu encontrar um treinador homem, mulher, tanto faz do que alguém estar disposto a estar lutando pela manutenção do time, a busca da captação de recurso, as elaborações de projetos de patrocínio, então isso tudo no clube eu que faço. Então não é fácil, você tem que estar muito disposta e eu não tenho mais trintinha não. Então a gente precisa definir papéis.

M.N. – Perfeito. E para além dessa questão da disposição que você coloca como fundamental, o que você destaca como sendo importante para o sucesso da carreira de uma treinadora?

G.C. – Eu acho que todo... Toda profissão é você se dedicar, é você conhecer sobre o seu trabalho, tentar extrair o melhor de você, tentar sempre estar disponível a escutar... Escutar a tua comissão, as atletas nas situações de jogo. Mas você tem que *conhecer*. Então o conhecimento faz a diferença. Eu procuro muito conhecer, eu procuro muito estudar. E procuro também estudar a prática... ver o que a prática me revela no dia a dia, os resultados que me traz em determinadas ações e aí eu tiro as minhas conclusões. É você entender que o jogo é um jogo de estratégia, é um jogo de ocupação de espaço cuja finalidade é vencer o adversário através de fazer gols e não tomar. Então é isso, eu acho que tem que ter... Primeiro quando você não tem a estrutura igual a todo mundo, você

tem que perseverar, segundo você tem que ser inteligente para montar a tua equipe e a forma de jogar dentro dos limites que te dão, que são as peças que tu tem pro jogo. E como eu disse, saber escutar. Eu acho que saber escutar para tirar conclusões é interessante. Então quando você se fecha dentro do seu próprio pensamento você acaba que... Não conseguindo ter o contraponto do que você pensa e isso é ruim. Então ter um pouquinho de abertura sempre é bom também. Escutar os envolvidos no trabalho no momento que são os atletas e demais membros da comissão. É isso.

M.N. – Ok. E você destaca, então, o conhecimento sobre o futebol. Queria saber se você fez cursos de capacitação específicos, como foi a sua formação para ser treinadora?

G.C. – Eu sou profissional de Educação Física, me formei aqui pela UFPB. Estava fazendo o curso de treinadora de futebol em Pernambuco, lá em Recife... Uma pós graduação, quando eu tive que fazer um curso rápido de Gestão Esportiva porque me veio a ideia de abrir uma sociedade com mais três amigos. Uma empresa de assessoria esportiva. Então hoje, como eu já tinha o CREF eu podia atuar como treinadora eu não precisava do curso de especialização. Então hoje eu atuo como gerente da empresa também e hoje sou a sócia majoritária da empresa. Então eu vivo trabalhando, na realidade. Mas eu gosto. É isso. Muito trabalho. Mas sempre estou trocando informações com outros treinadores, pesquisando. A internet é um campo muito interessante para isso. A gente consegue se comunicar com várias culturas, com várias pessoas diferentes que percebem o futebol de diferentes formas e isso é interessante. Tenho muitos amigos treinadores e a gente troca bastante experiência.

M.N. – Muito interessante sua última resposta que já adentra na próxima pergunta que eu faria. Iria pedir para você comentar qual é a sua percepção sobre a importância das redes de contato nesse campo de atuação. Se você tiver mais alguma coisa a acrescentar.

G.C. – Não, só dizer que é de extrema importância. Como eu te disse anteriormente, hoje para mim é o meu principal canal de contato e de aquisição ode conhecimento também. Até porque os diplomas são importantes, mas o que te vai fazer diferente não é o diploma não. Vai ser... É a forma como tu vai assimilar o conhecimento que tu consegue adquirir. Aí tá jogado, tá exposto, cabe a ti adquirir. Lógico que para os outros o diploma vai importar para determinadas situações, mas eu não penso bem assim não.

M.N. – Claro. Existe essa exigência pela qualificação até por se tratar de uma profissão como tantas outras e a respeito disso, gostaria que você falasse como está estruturada hoje no Brasil a profissão de treinadora. Em termos de condições de trabalho, condições salariais, em geral.

G.C. – Então. É uma carreira que está se iniciando. A de treinadora de futebol feminino e [pausa] você não sobrevive. É diferente do futebol masculino. Se for sobreviver disso você não sobrevive. Infelizmente a gente tem que trabalhar em outras situações para poder trabalhar no futebol feminino. É muito pouco pelo que eu também acompanho e já tive propostas também de outros clubes e é incompatível. Até porque você vai trabalhar três meses em um canto ou seis meses, você não tem condição de se sustentar com dois salários, com [riso]... Tem canto que paga um. Então, para minha fala da realidade totalmente adverso aos altos salários do futebol masculino. Ainda se tem muito o que ganhar nesse sentido. De buscar o espaço, de buscar o reconhecimento. É triste ainda, pelo menos nesse âmbito. No eixo também do Nordeste, Norte, Nordeste. Tem algumas raras exceções que pagam mais acima mas nada tão convincente que faça uma pessoa sonhar em ser treinadora de futebol feminino para ter uma vida, no mínimo, digna. Se você não tiver condições de fazer outra... Outros trabalhos. Por isso que assim... Eu particularmente tenho que me virar nos trinta para poder fazer o que eu sei fazer, o que gosto, porém, pouco remunerada.

M.N. – Beleza. E uma vez que se ocupa esse cargo, essa profissão de treinadora, como se dá na sua realidade, o processo de formação da sua comissão? Como é a sua relação com as pessoas que são lideradas por você?

G.C. – Então, assim como eu, eu tive que reunir pessoas que acreditassem no nosso projeto, que comprassem a briga, que tivessem a qualidade e capacidade para estar dentro de uma comissão e que quisesse sofrer junto [riso]. Sem uma remuneração também, mas que a gente buscasse o nosso espaço para que lá na frente a gente pudesse ser reconhecida. Sempre foi com muito respeito, como eu lhe disse, aceitando as opiniões contrárias às minhas, que é uma coisa que a gente aprende. Que é interessante escutar e são pessoas que sempre estão somando. Elas que muitas vezes me fazem enxergar os meus erros. É isso. No mais, estão ali sempre juntos trabalhando em prol de um único objetivo que é a

gente dar seguimento e andamento ao nosso projeto. Melhorar sempre e qualificar sempre a nossa equipe.

M.N. – Ótimo. E em meio a tantos desafios, principalmente o que você falava anteriormente sobre ter a necessidade de acumular funções e outros trabalhos em função das condições em que se encontra a profissão de treinadora hoje, como se dá a conciliação entre a sua vida profissional e pessoal?

G.C. – Então, na realidade, eu brinco [riso] dizendo que elas se misturam [riso]. Porque acaba que o futebol é o meu amor e a minha vida pessoal é o treinamento. [Pausa]. É brincadeira, mas é meio louco. Assim... Acaba que o tempo todo você parece que está dentro do campo, você parece que está fazendo algo voltado para o próprio futebol. Aí você em um momento de estresse tenta distrair um pouquinho, sai raramente, mas sai e... Assim eu te digo... Quando eu consigo sair, um pouco nas próprias férias, no período de afastamento que a gente tem, eu sinto falta, eu sou viciada nesse negócio. Eu sou uma pessoa apaixonada pelo que faço e como eu te disse eu trabalho muito mas quanto mais eu trabalho, mas eu quero trabalhar. Um vício. Bem que atrapalha a vida pessoal que a gente acaba mergulhando nisso tudo e acaba esquecendo do resto mesmo que além disso tudo eu tenha uma família, tenha as pessoas com que a gente tem que se dedicar, dar atenção. Mas é difícil.

M.N. – Você diria que, hoje, há algum tipo de dificuldade para você permanecer no cargo de treinadora?

G.C. – *Se*, eu fosse depender da remuneração do cargo, é o que venho dizendo... Se eu não tivesse meus outros afazeres, é lógico que seria muito difícil eu estar como treinadora. Se eu não tivesse a minha outra condição que me dá suporte para isso. Porém, como eu te disse, eu vou ter que abdicar ou da gerência ou do cargo de treinadora por conta de não ser salutar para um ser humano essa carga de trabalho. Eu já estou em um período de estresse forte e que me renderam coisas indesejáveis como uma gastritezinha, então, particularmente, hoje eu me coloco na condição de fazer isso por conta de outros trabalhos que eu tenho mas numa condição de um ser humano normal eu não conseguiria desenvolver meu trabalho da forma desejada sem a remuneração adequada.

M.N. – Está ok. E quais são suas expectativas pessoais futuras enquanto treinadora e como você analisa as perspectivas de ascensão na carreira para todas as mulheres que já ocupam ou desejam ocupar esse cargo aqui no Brasil?

G.C. – Então, a gente vê a evolução da modalidade em passos *curtos* eu diria, porém, com esse advento das licenças CBF que a partir de 2019 os clubes profissionais que vai começar com série... A partir de 2019 todos os clubes da série A terão que ter futebol feminino e assim sucessivamente nas séries seguidas, eu acho que vai abrir espaço sim para as treinadoras femininas. Hoje a gente tem uma treinadora na Seleção que tem uma responsabilidade grande... De fracasso ou de sucesso. Se fizer sucesso eu diria que então isso vai ser bom para todas as mulheres. Caso fracasse, nós mulheres vamos sofrer mais ainda. Porém, eu acho que vai ter uma abertura, mas nada tão estrondoso e nada muito para agora. Eu acho que vai pegar uma safra muito boa daqui uns dez anos. É isso. Eu acho que o futebol feminino possa estar melhor, mas nada tão para de imediato.

M.N. – E existe algo que te faça pensar em desistir?

G.C. – Como eu te disse, é o lugar que eu mais gosto de estar. É a profissão que eu queria poder exercer com a devida condição que eu acharia justa e uma boa remuneração. No entanto, eu teria que abdicar dessa condição, tudo indica, para assumir a gerência por não ter outra pessoa capacitada para desenvolver os projetos, para captar recursos, para visitar empresa, enfim. Para estar discutindo e estar mobilizando aqui em torno do futebol feminino. Porém, desistir, essa palavra é muito forte. Eu não pretendo desistir. Na realidade, de muita coisa eu não abro mão na minha vida não. Eu pretendo seguir.

M.N. – Que bom. E eu gostaria de saber então, por fim, se você deseja deixar algum comentário, fazer algum destaque em relação a algo que eu não tenha te perguntado e você julgue importante ser falado, por favor.

G.C. – Na realidade eu acho que você discutiu coisas... Fez uma discussão ampla aí. Sobre o futebol feminino, sobre a atuação das treinadoras, com um paralelo com a vida, a profissão. Achei super interessante e eu quero te parabenizar pela tua pesquisa aí que você está fazendo e espero ter contribuído. E dizer que a gente sempre tem que lutar e que infelizmente nossa condição de mulher já nos coloca em uma história de luta que não

é de agora. É de ganho de espaço porque mesmo a gente estando em uma sociedade mais avançada, que deveria ser, a gente é preciso lutar muito para ganhar o nosso real espaço em todos os campos dessa sociedade, inclusive para estar ali dentro dos gramados.

[FINAL DA ENTREVISTA]